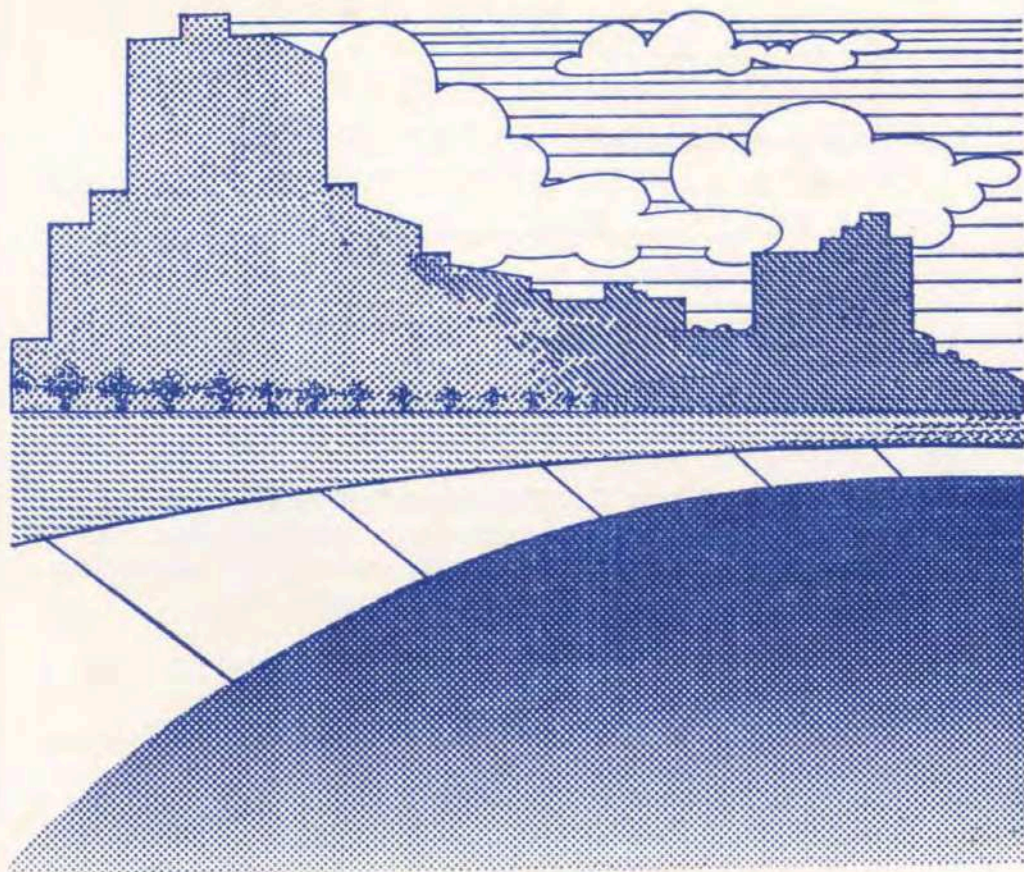


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI |

Agosto de 1985 |

Nº 8

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Agosto de 1985

Nº 8

SUMÁRIO

Página

Subsídios Históricos	218
Gustavo Krieger — papéis e documentos de uma época	219
AEMA experimenta com sucesso nova técnica de combate a erosão	221
José Ferreira Bueno: um desconhecido	223
Die Volkszeitung — O Jornal do Povo	231
Figuras do Passado — Bruno Hildebrand ..	232
O “portuiglês” nosso de cada dia	236
Hunsrück	239
A Evolução do Ensino Público no Estado	243
Autores Catarinenses	244
Aconteceu - Julho de 1985	246
Blumenau	247

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF

A 30 de dezembro de 1854, o então diretor da Colônia Dona Francisca (Joinville), Benno von Frankenberg-Ludwigsdorf, enviou o seu terceiro relatório — redigido em francês — ao Presidente Coutinho, da Província de Santa Catarina. Abaixo o relatório traduzido:

Excelência,

Tenho a honra de responder pelo presente a carta de 25 de outubro, com o relatório desejado, a respeito da Colônia Dona Francisca, pelo qual Vossa Excelência verá que a Colônia conta com 1194 almas das quais 663 do sexo masculino e 531 do sexo feminino.

A Cidade de Joinville conta com 39 casas habitadas e outras ainda em construção; no resto da Colônia se encontram 160 casas habitadas.

A cultura está em prosperidade e esperamos fazer em breve a exportação dos primeiros artigos, como a farinha de mandioca e o milho. A indústria e os ofícios são representados por; 3 padarias, 3 açougues, 2 fábricas de charutos, uma de licores, uma cervejaria, 3 olarias, uma cerâmica, 3 engenhos de arroz, 2 de milho, 5 de açúcar, 16 de mandioca e 2 prensas de óleo, mecânicos torneadores, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates, segeiros, funileiros e seleiros.

No corrente ano a Colônia recebeu um eclesiástico e, quanto ao ensino, o mesmo foi, em parte, provido por um professor do Governo de Vossa Província, mas a extensão da Colônia não permite que todas as famílias o possam aproveitar.

As comunicações na Colônia foram muito melhoradas graças à subvenção de 2 Contos de Réis do Governo de S. Magestade, e o propósito da direção é conseguir uma comunicação para o Oeste, a fim de chegar a Rio Negro. Para o Norte, a Colônia se comunica com Curitiba por uma estrada via Três Barras, pela qual já recebemos diversas tropas de animais e a qual será de maior importância, assim que a estrada em direção ao Sul pelo Rio Parati estiver concluída.

No corrente ano, foram naturalizados 74 de nossos colonos e obtivemos um sub-delegado, mas esperamos ainda pela eleição de um juiz de paz. Há uns 50 a 60 colonos que desejam se naturalizar, caso Vossa Excelência considere conveniente ter um número maior para escolha.

Peço a Vossa Excelência aceitar os protestos de minha alta consideração, von Frankenberg.

A sua Excelência Senhor Presidente de Santa Catarina.

Traduzido do documento original, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

GUSTAVO KRIEGER

papéis e documentos de uma época

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Por ocasião do centenário de nascimento do ôpapa GUSTAVO KRIEGER, em janeiro de 1978, Pe. Murilo e eu — seus netos — organizamos um boletim com dados da família Krieger, numa forma de homenagear GUSTAVO, figura importante para a comunidade brusquense.

Agora, decorridos sete anos, outros papéis e documentos do ôpapa Gustavo foram encontrados, justificando a continuidade do exemplo lançado, que era o de tornar mais completo o material sobre a família KRIEGER.

O autor do “achado” foi tio RAYNÉRIO, com quem dividimos a autoria do presente trabalho.

1. Dados de antepassados do ôpapa Gustavo.

Karl Krieger (avô do ôpapa), nasceu em Hettenrode. Faleceu em 20 de setembro de 1881. Casou-se com Caroline Krieger, nascida Krumenauer, e tiveram os seguintes filhos:

— **Emília** (irmã de Jacó, que era pai do ôpapa), que foi mãe da Frau Doca, do Ricardo Müller, da Traude Mattioli e da Tida Ristow.

— **Wilhelm Philipp** — nascido em 20 de outubro de 1846 e falecido a 3 de março de 1889.

— **Karl Jacob**, nascido em 21 de maio de 1851, em Algenrode. Karl casou-se em primeiras núpcias com August Kuchenbächer, nascida em 27 de janeiro de 1854 em Kurow (Pomerânia) e falecida em 28 de fevereiro de 1876. **O único filho do primeiro matrimônio foi o ôpapa Gustavo.**

Em segundas núpcias, Karl casou-se com **Henriette Ernestine Kuchenbächer** (irmã da primeira esposa), nascida em 29 de agosto de 1855 e falecida em 16 de junho de 1931.

Filhos do segundo casamento de Karl: Auguste Friederike, falecida a 11 de abril de 1891; Emílie, nascida a 5 de maio de 1884 e Alma Laura, nascida em 8 de outubro de 1885.

2. Registro de transferência da ômama ADELAIDE.

Em suas buscas junto a livros da Igreja Evangélica de Brusque, tio Raynério encontrou o seguinte:

“**Certificado de transferência para a Igreja Evangélica**”.

22/3/1929. Da senhora Adelaide Krieger, nascida Diegoli a 20/3/1884, foi em 24/3/1929, transferida para a Igreja Evangélica, com isto também podendo comungar na Igreja Evangélica, pela qual foi admitida.

3. Registro de nascimento de JOSÉ CALM.

No livro dos Batizados de Brusque, período 1869/1876, do Arquivo Histórico Eclesiástico da Cúria Metropolitana de Santa Catari-

na, encontrei, à página 12, o registro nº. 53 que diz respeito a um parente: **José Calm** (primo de Gustavo). “No dia 20 de agosto baptizei e puz os óleos ao innocente José Calm, nascido nesta Colônia no dia 6 de março de 1869, filho legítimo de José Calm e de Juliana Krieger, neto paterno de João Lourenço Calm e Mariana Calm, neto materno de Carlos Krieger e Carolina Krummenauer, erão padrinhos Roberto Pietrich e Catharina Veieker, in fide parochi. O Pe. Alberto Francisco Gattone, 19 de março de 1869”.

4. Um registro para comércio.

Sob o nº. 122, foi registrado pelo “Collector Dorval Duarte Silva da Luz” para o exercício do ano de 1908 no Estado de Santa Catharina, **uma pequena fábrica de charutos**, titulo concedido ao senhor Gustavo Krieger, cuja patente de registro para o referido commercio foi dada na forma do Capitulo 2º. do Regulamento annexo ao Decreto nº. 5891, pela Agência da Colletoria de Brusque em 15 de janeiro de 1908.”

5. Um recibo de 100 mil réis.

“Declaro que recebi de mun Cuanhado Gustavo Krieger a quantia de cem mil reis, saldo da herança de minha mulher. Para clareza passo o presente qui assign. Brusque, . . . de abril de 1909. Henri Deichmann”.

(Nota: respeitou-se a ortografia original).

6. Casamento, o registro mais importante.

“Certifico que compareceu em cartório o cidadão Gustavo Krieger, e verbalmente requereu-me que lhe desse por certidão o assunto de seu casamento e passando eu a rever o livro nº. 2 a fs. 37 a v. encontrei de teor seguinte: Nº. 11. Aos desenove dias do mez de Abril de mil novecentos e dois, nesta Villa de Brusque, Estado de Santa Catharina, na каза do Conselho Municipal, sala das audiencias do Juiz de Paz pelas trez e meia horas da tarde, presente o cidadão Guilherme Strecker, primeiro Juiz de Paz em officio, consuiço escrivão . . . de seu cargo abaixo assignado e ás testemunhas Primo Diegoli, Otto Krieger e Siegfried Pipper receberão-se em matrimônio Gustavo Krieger, filho legitimo do fallecido Jacob Krieger, e de Augusta Krieger, de vinte e quatro annos de idade, de profissão artista, digo profissão alfaiate, natural deste Estado, e da. Adelaide Diegoli, filha legitima de Gregorio Diegoli e de Luiza Diegoli, de desoito annos de idade, de profissão domestica, natural da Italia, ambos os contrahentes solteiros, e residentes na sede desta Villa. Em firmeza do que Eu Henrique Luiz de Cordova, escrivão interino lavrei este termo que vai por todos assignado (assignados). Guilherme Strecker, Gustavo Krieger, Primo Diegoli, com 21 annos de idade, artista nesta Villa. Otto Krieger, com 21 annos de idade, negociante e residente nesta Villa, Siegfried Pipper,

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

com 22 annos de idade artista e rezidente nesta Villa, o official do Registro Civil Henrinque Luiz de Cordova. Era o quanto se continna no... assento que bem e facilmente extravhi a presente copia, que depois de conferida e achar conforme, dou fé. Eu Henrique Luiz de Cordova, escrivão o escrevi e assigno.

Villa Brusque, 17 de setembro de 1902. Official do Registro Civil Henrique Luiz de Cordova.

7. Bologna: de Adelaide a Maria de Lourdes.

Bologna, uma cidade de meio milhão de habitantes, é, na Itália, a mais tradicionalista em termo de casas especializadas que vendem salames, mortadelas, queijos, presuntos... Esta mesma Bologna foi escolhida, em maio de 1980, para ser sede da 17ª. Feira do Livro para Jovens, sob o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores, Câmara Brasileira de Livro, Sindicato Nacional de Editores de Livros e Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Para representar o Brasil na referida feira foram selecionadas diversas obras, entre as quais O Destino de Redondinho, Leleco e os Ovos de Páscoa e O Natal do Pastorzinho, de autoria de Maria de Lourdes Ramos Krieger Loochs, neta de Adelaide. Foi a presença de uma catarinense de Brusque na terra da ômana Adelaide, uma bolonhesa que se radicou em Brusque...

AEMA experimenta com sucesso nova técnica de combate a erosão

(Edenir Silva)

A Assessoria Especial do Meio-Ambiente da Prefeitura Municipal de Blumenau experimentou com sucesso uma nova técnica de combate à erosão. Trata-se da "reposição da camada húmica em terrenos terraplenados", que faz com que a vegetação nativa da área volte a crescer normalmente e evite o carregamento do solo pelas águas das chuvas. A experiência foi realizada no Loteamento Caçadores 2, localizado na Rua dos Caçadores, Bairro da Velha, onde o tratorista removeu a camada fértil do solo e voltou a espalhá-la depois de concluída a terraplenagem. O sucesso da nova técnica pode ser constatado pela falta de vegetação e ocorrência dos efeitos da erosão na parte do terreno onde a camada húmica não foi repostada. Diante do êxito da experiência, o prefeito Dalto dos Reis determinou que a utilização dessa técnica seja transformada em obrigatoriedade através de legislação própria e mandar fazer estudos neste sentido.

Segundo Lauro Bacca, titular da AEMA, o ponto nevrálgico do grande assoreamento de rios e ribeirões, principal causador de enchentes e enxurradas, reside na erosão de áreas desnudas do município e estatísticas demonstram que em 80% dos casos essas áreas têm sua vegetação retirada por terraplenagens. "Sobre este dado pesa o

agravante de que, na maioria das vezes a área é “desnudada” e assim permanece por vários meses ou anos sem a construção de edificações”, disse ele. É o caso, por exemplo, do loteamento onde a experiência da AEMA foi realizada. Na perspectiva de que o local não seria ocupado imediatamente por residências, Lauro Bacca sugeriu aos proprietários do loteamento, há um ano atrás, que, ao efetuar a terraplenagem, reservassem a camada húmica e depois a espalhassem. As casas realmente ainda não foram construídas, mas nesse período o solo permanece protegido por uma vegetação composta por gramíneas e arbustos, nativa do local. A área, de aproximadamente 5.000 metros quadrados (meio-hectare) foi 60% coberta pela vegetação. Os 40% restantes representam justamente o ponto onde a camada fértil não foi repostas e agora sofre os prejuízos evidentes da erosão, com a abertura de grandes sulcos no solo. Noutro loteamento, localizado no Bairro Fortaleza, o sucesso da nova técnica experimentada na rua dos Caçadores é reiterado: ali o não aproveitamento da camada vegetal causou erosão de proporções tão grandes que já está colocando em risco as residências.

A “reposição da camada húmica em terrenos terraplenados”, apesar de ser uma técnica nova no Brasil, não é inédita em termos mundiais. Na Alemanha, segundo Lauro Eduardo Bacca, ela vem sendo usada há alguns anos e já se tornou uma prática normal na hora de se executar terraplenagens. Ele entende que se isso acontecer no Vale do Itajaí, “estará se atacando a causa da erosão e não o efeito que se tenta corrigir através do desassoreamento dos leitos fluviais”.

OBRIGATORIEDADE LEGAL

Para se reservar a camada fértil do solo e espalhá-la depois de concluída a terraplenagem, um operador de trator gastará apenas uma ou duas horas a mais (depende do tamanho da área) de serviço. O proprietário da área também terá um custo adicional insignificante. No entender do Assessor Especial do Meio Ambiente, é justamente por causa dessa uma ou duas horas a mais e por esse insignificante custo adicional, que os loteadores se recusam a promover a reposição da camada húmica, mesmo quando alertados para os benefícios que a medida traria. “A única maneira de obrigá-los a utilizar essa técnica seria uma lei, que fixasse a obrigatoriedade”, afirma Lauro Eduardo Bacca, explicando que a fiscalização do cumprimento da legislação poderia ser efetuada sem nenhum problema. “Os mesmos fiscais que hoje fiscalizam terraplenagens, verificando se o grau de declividade do solo e a área de preservação permanente às margens dos rios e ribeirões estão sendo obedecidos, policiariam o cumprimento da lei”. Por determinação do prefeito Dalto dos Reis, a Assessoria Jurídica da Prefeitura ficou incumbida de transformar a experiência em lei para ser cumprida pelos futuros loteadores.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

José Ferreira Bueno: um desconhecido

Antônio R. Nascimento

A José Ferreira Bueno, um paulista de Curitiba, que então pertencia a São Paulo, atribui-se a povoação de Curitiba e a fundação de Lagoa Vermelha (RS).

Nascido aos 2.11.1808, em Curitiba (PR), filho de João Ferreira de Oliveira Bueno e de Maria Helena do Nascimento, casou-se, em primeiras núpcias, com Inácia Maria da Silva. Neto, pelo lado materno, de José dos Santos Lima (nascido em 1762) e de Gertrudes Maria do Rosário, que se casaram em 29.7.1779. Sua avó Gertrudes Maria do Rosário era filha de Luiz dos Santos Menezes e de Maria do Rosário da Conceição, enquanto que seu avô era filho de José Cristóvão, natural de Labruya, Braga, Portugal, e de Maria Paes. Segundo a genealogista Selene do Amaral Di Lenna Sperandio (1), era neto, pelo lado paterno, do Sargento-Mor Francisco Xavier Pinto e de Rita Ferreira Bueno, ele filho de André Esteves e Madalena Pinto e ela filha de João Ferreira de Oliveira e Maria Bueno. Ainda segundo a mesma pesquisadora, descendia José Ferreira Bueno, em linhagem longínqua, do descobridor Pedro Álvares Cabral e de bandeirantes ilustres como Antônio Preto, Jorge Ferreira Nobre (capitão-mor e ouvidor), Baltazar Carrasco dos Reis (um dos fundadores de Curitiba) e de Amador Bueno da Ribeira (o que foi aclamado rei pelos paulistas). Seus pais se casaram em Curitiba, em 1800, enquanto que seus avós maternos aos 29.7.1779. Teve por irmãos: Serafim Ferreira Bueno, casado em primeiras núpcias com Maria da Trindade, em Curitiba, aos 30.1.1826, e, em segundas, com Inácia Maria dos Santos Pacheco; João Ferreira Bueno; Francisco Ferreira Bueno; Francisca das Chagas Bueno; e Maria Joaquina da Assenção. Era Capitão da Guarda Nacional, então muito prestigiada, tendo residido por muitos anos na Lapa (PR), "onde chegou a ser o primeiro mandatário da cidade" (op. cit., pág. 14). Enviava erva-mate aos engenhos de Morretes e Antonina, negociava também como tropeiro, conduzindo, auxiliado por escravos, tropas de muares trazidos do Rio Grande do Sul para levar à feira de Sorocaba, com escala pelas invernadas dos Campos Gerais" (idem, *ibidem*). Deve datar dessa época seu conhecimento do "Pouso dos Campos Curibanos", depois Curitiba (SC), e de "Berivas", posteriormente denominada Lagoa Vermelha (RS), conforme informação de Hemetério José Velloso da Silveira (2).

De seu primeiro casamento, com Inácia Maria da Silva, falecida em 8.4.1834, filha de Manoel José Barbosa e de Ana Esméria da Silva, teve o filho único de nome Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, também Capitão, que nasceu na Lapa em 19.11.1834 e faleceu em Curitiba, já então Paraná, aos 9.2.1899, e que foi político de suma importância no desenvolvimento da região compreendida entre Lapa e hoje Rio Negro, Estado Paraná, que, à época, não tinha limites definidos com Santa Catarina. Construiu a estrada Lapa-Cerro Verde (hoje Mu-

nicipio de Quitandinha), foi político republicano e benemérito da Lapa, além de empresário de obras públicas, fazendeiro (fazendas São Gabriel e Sant'Anna), comerciante de mate. Trouxe para aquela região o primeiro piano e a primeira máquina de costura. Casou-se com Júlia Moreira do Amaral e Silva, natural da Fazenda Santa Bárbara, em Cruz Alta (RS), que era neta do Major Atanagildo Pinto Martins, um dos chefes da famosa expedição de Antônio da Rocha Loires. Essa expedição, por volta de 1818, teria aberto um caminho entre Palmas e Cruz Alta, passando pelo "sertão de Campos Novos", consoante informação de Fidélis Dalcin Barbosa (3). A prova de que o Major Atanagildo Pinto Martins bem conhecia a região de Curitibanos está no socorro decisivo que deu à brigada do Coronel Mello e Albuquerque, quando, "na célebre batalha de Curitibanos" (4), esta levou de vencida as forças de Teixeira e Garibaldi. Além disso, de acordo com relato de Hemetério José Velloso da Silveira (op. cit., pág. 338), que se baseou num manuscrito do filho do Capitão Antônio da Rocha Loires, essa expedição, no ano de 1819, teria feito o seguinte trajeto:

"Partindo de Guarapuava, penetrou a força expedicionária em um grande sertão, abrindo picadas, vadeou o Rio Iguacu, abaixo da foz do Jordão, saíram nos Campos de Palmas, de onde foram a Lages, depois aos Curitibanos (sic), transpondo outro sertão, que ficou sendo (ou já era) chamado Mato Português, cortaram pelo Campo do Meio e, ao fim de seis léguas, esbarraram no sertão que foi denominado Mato Castelhanos. Aí abriram um pique de quatro léguas, saindo nos campos desertos de Passo Fundo, onde vagueavam bugres."

Esse manuscrito foi entregue ao autor, Hemetério José Velloso da Silveira, pelo Major João Cypriano da Rocha Loires, filho do "Capitão de Milícias" (sic) Antônio da Rocha Loires, sendo de se notar, por haver certa confusão, que a volta dessa expedição se fez pela atual região de Chapecó (Passo do Goioen).

É certo, pois, que a expedição Rocha Loires, tendo na vanguarda Atanagildo Pinto Martins, passou pelos "Campos de Curitibanos", em fins de 1819. Aliás, é bem de ver que a leitura desse importante manuscrito trará valiosos subsídios à História de Curitibanos e de Campos Novos. Presumivelmente, encontra-se ele em algum museu gaúcho."

Em carta de 28.5.1984, endereçada à Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha, o historiador gaúcho Demétrio Dias de Moraes assim se refere à personagens aqui biografada:

"Segundo se insere de relatórios da então Intendência Municipal de Lagoa Vermelha, dos anos de 1890 e outros posteriores, ratificados pela tradição oral vinda através de nossos avós, a cidade de Lagoa Vermelha foi fundada pelo Capitão da Guarda Nacional José Ferreira Bueno, natural de Curitiba e residente na cidade da Lapa, Paraná. Nascido a 2 de novembro de 1808, falecido a 5 de novembro de 1875.

Possuía vasta fazenda de criação de gado em Paraná e tropeava pelos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conhecendo a exuberância dos campos nativos em Lagoa Vermelha, tomou posse de

vasta área, onde fundou outra fazenda, levando tropas para o norte. Isto ocorreu a partir de 1842, segundo traduz a versão oral (5).

Quanto à parte que toca a Curitibanos, nada positivo podemos informar. Todavia, pela lógica das rotas dos tropeiros e pelo gênio empreendedor de nosso biografado, trata-se da mesma pessoa que fundou Curitibanos e depois Lagoa Vermelha. Partindo da Lapa, passavam por Curitibanos, Campos Novos, Barracão e Lagoa Vermelha até Cruz Alta. Comerciava também erva-mate, cuja planta medrava destacadamente em ambas as margens do Rio Pelotas e nos contrafortes da serra em Rio Grande e Santa Catarina. Para uma referência de alto valor, citamos o livro "Quem Somos", de autoria da Professora Selene Amaral Lenna Sperandio, publicado em Curitiba, em 1977. Nessa obra genealógica da família, a Prefeitura poderá obter dados mais completos sobre a pessoa do nosso biografado e pioneiro fundador (6).

Quanto à fundação de Lagoa Vermelha, não há discrepância alguma na atribuição que lhe é conferida. O ato de doação do terreno para a edificação da cidade foi feito verbalmente e não podia ser documentado, em virtude da posse da terra não estar ainda legitimada. Posteriormente, através de documentação oficial, ocorrida depois da legalização das posses, feita pelos descendentes do fundador, entre os quais o seu filho Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, foi ratificada a doação em cartório de Santo Antônio da Patrulha, sede do grande município que abrangia todo o nordeste do Rio Grande do Sul" (Demétrio Dias de Moraes, carta de 28.5.84).

Fidélis Dalcin Barbosa, historiador gaúcho contemporâneo, dá-nos uma ligeira idéia de como foi a fundação de Lagoa Vermelha (RS):

"Foi em 1819 que o tropeiro paulista João de Barros abriu o caminho entre Cruz Alta e Vacaria, cruzando pela região dos Campos de Passo Fundo, Mato Castelhana, Campo do Meio e Mato Português. A nova estrada proporcionou a fixação de novos colonizadores na região da atual Lagoa Vermelha, cuja fundação, por volta de 1845, se deve ao tropeiro Capitão José Ferreira Bueno" (op. cit.).

A historiadora curitibanense Zélia de Andrade Lemos, em precioso artigo jornalístico, bem distinguiu a importância de José Ferreira Bueno para sua terra (7):

"Atualmente, mais um dado de grande valor histórico para nós veio juntar-se a esses: a primeira notícia do POVOADO DOS CURITIBANOS.

"Esses dados, colhidos em pesquisa pelo Prof. Walter F. Piazza, de Florianópolis (Arquivo Nacional, Rio, Fundo dos Ministérios. IJJ 9.438. Correspondência do Presidente da Província de Santa Catarina com o Ministério do Império), vieram confirmar a tradição de que este lugar teria tido seu começo, mais ou menos em 1800, visto estar já o pequeno aglomerado de casas, citado no documento, datado de 1829, onde diz que a povoação é nova (8).

Nele, além da notícia da existência do povoado, descobrimos o nome da primeira autoridade curitibanense, ou seja, o Cap. José Ferreira Bueno, o qual, segundo parece, era o novo dono da Fazenda. E, finalmente, a notícia de que, juntos aos povoadores de origem luso-

brasileira, vieram estabelecer-se vários índios de Guarapuava, os quais, em sinal de submissão, entregaram ao Cap. José Ferreira Bueno, as flechas que dispunham (9).

Aí temos, pois, estabelecida a seqüência: estrada-pouso-fazenda povoado. Está, assim, reconstituído o histórico de Curitibanos." (10)

É o seguinte o texto do documento firmado por José Ferreira Bueno e endereçado ao Sargento-Mor Leandro da Costa (11):

"Ilmo. Sr. Dou parte a V. S^o. que, andando eu no meu campo parando rodeio, aconteceu que, no dia 19 do corrente mês, de manhã, apresentaram-se vinte e nove bugres, a saber: dez homens, dez mulheres, cinco pequenos de peito e quatro rapazotes, que faz o número de 29 e, entre estes, veio uma bugra que fala bem português, e dizem que querem viver entre nós, e que sim estão muito pobres, e por ora estão muito contentes, e dizem que perto se acha um alojamento que contém grande porção, e que querem ir reduzi-los para virem. Portanto V. S^o. mandará o que for servido, e dar as providências que ver se justo a benefício desta nova povoação. Deus guarde a V. S^o. Acampamento dos Curitibanos, 21 de maio de 1829. Ilmo. Sr. Sargento-Mor Leandro da Costa. (assinado) José Ferreira Bueno, Capitão Comandante interino." (12)

Tal fato, embora ainda inédito na historiografia catarinense, não é, porém, de se estranhar, pois a conquista luso-brasileira já estaria consolidada, poucos anos depois de 1829, muito mais a oeste de Santa Catarina, como se vê da seguinte notícia do Barão do Rio Branco:

"Campo Erê, que é posição mais avançada que S. Ana, foi ocupado em 1840 e, como ficou dito, já em 1850 havia ali cinco fazendas de brasileiros. As terras por eles possuídas foram registradas na Colêtoria de Palmas em 1855 e 1856. Em 1879 e 1880, o Juiz de Órfãos e Ausentes do Termo de Palmas procedeu ao inventário dos bens deixados por VICENTE ANTÔNIO DE LARA, fazendeiro em Campo Erê, lugar que o Dr. Zeballos supõe só ter sido ocupado em 1881". (13).

Além disso, são conhecidas as expedições de Joaquim José Pinto Bandeira, de Manoel de Almeida Leiria (1838), do Padre Ponciano José de Araújo (Palmeiras, 1836), do Cel. José Joaquim de Almeida, de José Ferreira dos Santos e de Pedro de Siqueira Cortes (as duas últimas de Guarapuava). Outra prova conclusiva se encontra na Revista do Instituto Histórico do Brasil de 1851, Tomo XIV, páginas 433 e 434, onde se trata de votação de recursos para abertura de estrada de Palmas a Curitiba, passando por Porto União (14). Outrossim, um antigo roteiro paulista, do século XVII, citado dos Varnhagen, na sua História Geral do Brasil, 2^a. edição, página 852, fornece outras provas indeléveis do conhecimento que tinham os bandeirantes de todo o interior do que hoje é o Estado de Santa Catarina (15).

Não se pode estranhar, pois, que o Capitão José Ferreira Bueno, nove anos após a anexação de Lages à Província de Santa Catarina, já estivesse povoando Curitibanos, pois a oeste, nos Campos de Palmas, que eram muito mais longínquos e hostís, já se enraizara a posse luso-brasileira.

Ademais, o referido Atanagildo Pinto Martins fora muito além das fronteiras catarinenses, conforme se vê do seguinte trecho histórico de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca (16):

“Foi indiscutivelmente Atanagildo Pinto Martins, estabelecido com sua estância em Figueiras, atual município de Santa Bárbara do Sul, o homem que promoveu o povoamento de Cruz Alta, Palmeira das Missões e Carazinho-Passo Fundo. Foi em consequência da expedição chefiada por este ilustre pioneiro e o seu posterior estabelecimento na região com numerosos acompanhantes, irmãos, parentes próximos, escravaria; da influência política e social que exercia na época, que possibilitou a ocupação definitiva pela família brasileira regularmente constituída, não aventureira, do Planalto Médio.”

O mesmo autor gaúcho transcreve palavras do próprio Atanagildo Pinto Martins, no que se refere à data e ao trajeto percorrido (17):

“Já em 1815, por ordem do Governo da Província de São Paulo, percorri estes vastos sertões e transpondo dos campos de Guarapuava aos de Palmas e passando o rio Pelotas, saí nos campos de Vacaria. A estrada de que se trata passa por localidade muito superior à antiga pela vila de Lages, e evita as pedregosas que a obstroem (sic) e todas as vias apontadas que, com suas freqüentes inundações, impedem o trânsito, para passar o rio Pelotas abaixo da confluência de todos eles. Tem, além de tudo isso, a grande vantagem de encurtar, pelo menos, seis dias de viagem. Três obstáculos, contudo, têm havido e têm ocasionado algum embaraço, no trânsito dela, os quais são: a passagem do Rio Forquilha, nos campos de Vacaria, que já é caudaloso; a passagem da mata que borda o rio Pelotas e a passagem do rio Marombas.” (18)

A História desses tempos, todavia, é, às vezes, confusa e fantástica. Existiram dois Martins: o brigadeiro e o alferes. Já quanto à genealogia de José Ferreira Bueno, Fidélis Dalcin Barbosa, citado por Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, aponta outros parentescos ilustres, “in verbis”:

“Um dos primeiros bandeirantes tropeiros que se estabeleceu na região foi o capitão José Ferreira Bueno, natural de Curitiba, descendente do vice-rei e navegador português Martin Afonso de Souza. O Pe. Diogo Feijó, Regente do Império, era filho de um tio do fundador de Lagoa Vermelha. Em terreno doado pelo seu fundador, foi surgindo um aglomerado de casas dos primeiros povoadores, na maioria bandeirantes, atraídos da Colônia Militar de Caseiros e do Barracão, de fundação anterior”. (19).

Como se nota, há muitos ascendentes ilustres para uma só pessoa: de Cabral a Martin Afonso de Souza, passando por Amador Bueno da Ribeira, o Aclamado, e pelo Regente Feijó. De qualquer modo, tudo está a indicar que o Capitão José Ferreira Bueno teve ancestrais ilustres, que provara ter sangue “limpo”, como era de praxe na época, caso algum de sua família quisesse abraçar a carreira eclesiástica. Mescla de sangue com judeu ou negro extirpará de vez qualquer pretensão nesse sentido. Daí a importância que tinha a filiação nobi-

litante. E foi esse o homem que, supostamente, povoou Curitibanos (SC) e, com toda a certeza, fundou Lagoa Vermelha (RS), logo depois.

A ele se deve, portanto, um preito de gratidão catarinense, ainda que tardia e eivada de dúvidas.

Seria hora de Curitiba e Lapa, do Estado do Paraná, de Curitibanos, do Estado de Santa Catarina, e de Lagoa Vermelha, do Rio Grande do Sul, assim como outras cidades que, direta ou indiretamente, beneficiaram-se do surto tropeirista, irmanarem-se numa homenagem póstuma a esse abnegado da causa luso-brasileira, a esse semeador de povos serranos, a esse ainda desconhecido vulto de nossa História, que só agora, passados que são mais de cem anos de seus feitos precursores, começa a ser reconhecido (20).

José Ferreira Bueno, um semeador da brava gente brasileira.

NOTAS

- 1 — Selene do Amaral Di Lenna Sperandio, *Quem Somos, Genealogia da Família Ferreira do Amaral, Curitiba, 1977*;
- 2 — Hemetério José Velloso da Silveira, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, ERUS, Porto Alegre, 1979*;
- 3 — Fidélis Dalcin Barbosa, *Vacaria dos Pinhais, EST/UCS, 1978*;
- 4 — “Esse brioso oficial obteve escusa do serviço militar, adquiriu campo onde fundou uma boa fazenda no município de Cruz Alta, lugar denominado Santa Bárbara. Ainda saiu a tomar parte na campanha da revolução e foi um dos mais bravos na CÉLEBRE BATALHA DE CURITIBANOS, onde as forças capitaneadas por Teixeira e Garibaldi, foram derrotadas pelas da brigada do Coronel Mello e Albuquerque.” (Hemetério, *op. cit.*, pág. 351);
- 5 — Berivas — “São assim apelidados pelos rio-grandenses da fronteira os homens provindos de São Paulo ou do Paraná para comprar muares”. (Hemetério, *ob. cit.*, pág. 306). “Quem estiver na cidade de Passo Fundo e quiser, através desse distrito chegar a Lagoa Vermelha, chamada pelos tropeiros BERIVAS...” (idem, *ibidem*, pág. 295) “. . . e a Lagoa Vermelha, que, sendo fundada em 1848, pouco ou nada excede a povoação de Campo do Meio.” (pág. 296);
- 6 — “A genealogia das lideranças humanas daquela época, da então Quinta Comarca de São Paulo, depois Província do Paraná, até o advento da República, remarca a influência dos tropeiros em todos os movimentos de vanguarda.” (Selene do Amaral Di Lenna Sperandio, *op. cit.*, pág. 11);
- 7 — Zélia de Andrade Lemos, “in” artigo no jornal A SEMANA, de Curitibanos (SC), n.º. 86, 25 a 31 de agosto de 1984, pág. 3;
- 8 — Zélia de Andrade Lemos é autora, dentre outros trabalhos nis-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

tóricos, do elucidativo livro CURITIBANOS NA HISTÓRIA DO CONTESTADO, obra que, por seu valor, tornou-se clássica sobre o assunto;

- 9 — "Os ditos bugres que se apresentaram, trouxeram sete arcos e trinta e seis flechas com "chopas" de pau, e todo este armamento voluntariamente entregaram ao Capitão Comandante daquela povoação, que as conserva arrecadas no seu quartel" (documento "apud" Walter F. Piazza, "in" A Igreja em Santa Catarina — Notas para sua História, SC, 1977, pág. 105);
- 10 — "O nome de Curitibanos, como é do conhecimento público, deriva do de Curitiba; quanto à Cidade, originou-se de um POUSO ou lugar de descanso da Estrada das Tropas que, como vimos, era o caminho dos tropeiros paulistas no rumo do Rio Grande, de onde traziam gado para as feiras de Sorocaba... Um desses ROTEIROS, o de 1773, diz que: NOS CAMPOS DOS CURITIBANOS, NÃO HÁ POUSO CERTO, DORME-SE NO CAMPO, ONDE SUCEDE" (Zélia de Andrade Lemos, ob. cit., págs. 69/71);
- 11 — Walter Fernando Piazza, A Igreja em Santa Catarina — Notas para sua História, Florianópolis, 1977, pág. 105;
- 12 — Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, FUNDO DOS MINISTÉRIOS. IJJ 9.438. Correspondência do Presidente da Província de Santa Catarina com o Ministério do Império;
- 13 — Barão do Rio Branco, Questões de Limites — República Argentina, Vol. I, Ministério das Relações Exteriores, Imprensa Nacional, Rio, 1945, pág. 13, nota do rodapé;
- 14 — "Em 1842, o Capitão PEDRO DE SIQUEIRA CORTES, novo comandante do destacamento de Municipais Permanentes, começou a abrir uma estrada para os campos de Curitiba, e os fazendeiros uma outra para Palmeira, e, em 1846, um terceiro caminho, mais curto, passando pelo Porto da União, no Iguaçu. A Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo votara por vezes fundos para a abertura desta última estrada." (Barão do Rio Branco, ob. cit., pág. 221);
- 15 — "Perto das cabeceiras do rio Saudade, afluente ocidental do Chapecó e na longitude da foz deste rio, encontram-se ainda hoje, no Campo Erê, os chamados Muros, que evidentemente são restos de fortificação antiga. No alto de uma colina vê-se aí um cone truncado, cuja parte superior é formada por uma plataforma de 36 metros de diâmetro, e cujo talude apresenta hoje 3 metros de altura... Assim, pois, além do forte do Pepiri, a que os Jesuítas chamavam a princípio piteribi, tiveram os paulistas nesse território outro acampamento entrincheirado. Os índios do Brasil, do Paraguai e do Rio da Prata não faziam construções de terra ou de pedra." (idem, ibidem, págs. 196 e 197);
- 16 — Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Formação do Gaúcho, Passo Fundo, 1982;
- 17 — Prudêncio Rocha, "apud" Pedro Ari Verissimo da Fonseca, op.

cit., pág. 72 (Documento transcrito em História de Cruz Alta, 1980);

- 18 — Essa travessia do Marombas é importante, pois, a nosso ver, revela que Atanagildo teria passado pela região em que hoje está a Cidade de Curitibanos (N. do A.);
- 19 — “Em 1849, o governo da Província criou o posto de controle para fiscalização, com uma coletoria de cobrança de impostos. O barracão então construído no Pontão para abrigar os soldados, encarregados da fiscalização e da cobrança dos impostos, deu origem ao nome do atual município de Barracão, último reduto dos Campos de Vacaria. Em 1859, era fundada a Colônia Militar de Caseiros, na entrada do Mato Português, hoje distrito de Lagoa Vermelha. Anos após, era aberta a Estrada Rio Branco, passando por São Leopoldo, São Sebastião do Cai, Feliz, cruzando os atuais municípios de Caxias do Sul e São Marcos, atravessando o rio das Antas no atual distrito de Criúva, junto do distrito do Korif, em Vacaria, onde em 15.2.1907 foi inaugurada uma ponte metálica de 128 metros de comprimento, 22 de altura e 4 de largura.” (Fidélis Dalcin Barbosa, Vacaria dos Pinhais, Caxias do Sul, 1978).
- 20 — “Faleceu na cidade da Lapa, onde foi sepultado. Atribui-se a ele, a fundação da cidade de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, sendo que a municipalidade daquela cidade gaúcha reivindica seus restos mortais para erigir-lhe um monumento. Seus irmãos: Serafim Ferreira Bueno, casado em primeiras núpcias com Maria da Trindade, em Curitiba, 30.1.1826 e em segundas núpcias com Inácia Maria dos Santos Pacheco; João Ferreira Bueno, Francisco Ferreira Bueno, Francisca das Chagas Bueno e Maria Joaquina da Assenção. Casou, em primeiras núpcias, com Inácia Maria da Silva (falecida em 8-4-1835), filha de Manoel José Barbosa e de Ana Esméria da Silva. Casou em segundas núpcias com Maria Bernarda de Ramos (falecida na Lapa em 15-6-1892), filha de Manoel Pereira de Ramos e de Maria Jacinta Ramos. Deste segundo casamento provieram muitos filhos...” (Selene do Amaral Di Lenna Sperandio, Quem Somos, Curitiba, dezembro de 1977, pág. 14).

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Fidélis Dalcin Barbosa, Vacaria dos Pinhais, Caxias, 1978;
- FONSECA, Pedro Ari Verissimo da, Formação do Gaúcho, Passo Fundo, 1982;
- FORTES, Amyr Borges, Compêndio Histórico do Rio Grande do Sul, 6ª. edição, Sulina, Porto Alegre, 1981;
- LAZZAROTTO, Danilo, História do Rio Grande do Sul, 4ª. edição, Sulina, Porto Alegre, 1982;
- LEMOS, Zélia de Andrade, Curitibanos na História do Contestado, 2ª. edição, Curitibanos, 1983;

- PIAZZA, Walter Fernando, A Igreja em Santa Catarina — Notas para sua História, Florianópolis, 1977;
RIO BRANCO, Barão do, Questão de Limites, Argentina, Vol. I, Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1945;
SILVEIRA, Hemetério José Velloso da, As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, ERUS, Porto Alegre, 1979;
SPERANDIO, Selene do Amaral Di Lenna, Quem Somos, Curitiba, 1977.

OUTRAS FONTES

- Moraes, Demétrio Dias de, carta datilografada, de 28.5.1984;
A SEMANA, semanário de Curitiba (SC)
Nepomuceno, Davino V. R., ofício de 1º. 6.1984

DIE VOLKSZEITUNG - O Jornal do Povo

ANO I

Quarta-feira, 23 de abril de 1930

Nº. 1

“Ein Freudnhaus in der R. São Paulo?”

Um lupanar na Rua São Paulo?

Quando há pouco tempo moças maiores de idade, obtiveram, mesmo contra a vontade dos pais a autorização de viajar para o Brasil na companhia de uma matrona duvidosa com a qual desembarcaram no Rio de Janeiro, os jornais fizeram o alerta. Gritaram aos quatro ventos os lamentos sobre o destino destas moças nas cavernas do vício no sul do país.

O retrato das moças e da matrona foram publicados, os leitores tanto daqui como da Alemanha tiveram conhecimento do fato. Começou um lamento geral pelo horrível destino das moças, pois rebaixa mais uma mulher como, com o seu consentimento seja comercializada em bordel...

Nada mais se ouviu falar sobre as moças, que deixaram os pais em desespero. Provavelmente a mercadora de escravas brancas encontrou bom mercado de venda.

Satanás triunfa, carne fresca chegou ao inferno... Um inferno como este foi denunciado num abaixo assinado ao prefeito do Município e como diz o papel, está localizado na Rua São Paulo.

Não muito distante do monumento do Dr. Fritz Müller, numa pequena colina se encontra uma casa velha e que hoje é alvo de toda atenção. Antigamente a casa estava lá, quieta, calma, uma vez ou outra um paciente vinha consultar com o médico que ali residia, mas hoje isto mudou. Principalmente ao cair da noite, o movimento começa a aumentar, carros param trazendo certamente...

Depois que o prefeito recebeu a denúncia, encaminhou a mesma ao delegado para as devidas sindicâncias. Este pessoalmente foi ao local e constatou a veracidade do fato. Os moradores tem toda razão em reclamar, pois não é possível que pessoas honestas e trabalhadoras vivam cercadas por ambiente como este. A casa é frequentada por meninas menores. Os pais precisam ser avisados. E mais uma coisa é certa: na rua São Paulo não pode funcionar um lupanar; esta via pública precisa ficar limpa.”

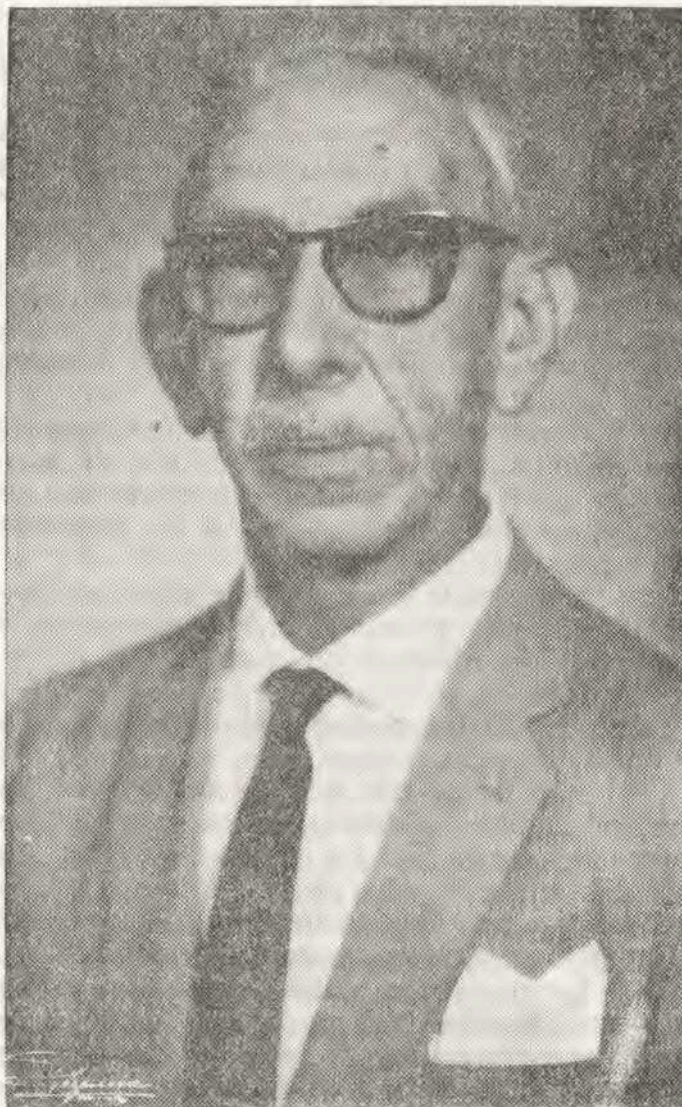
FIGURAS DO PASSADO

BRUNO HILDEBRAND

Hoje vamos focalizar, neste espaço destinado a homenagear personalidades que passaram pela vida pública, social ou comunitária de Blumenau, prestando algum serviço em favor do desenvolvimento da comunidade num dos seus setores atuantes, a figura de um dos grandes batalhadores pela preservação da moral, dos bons costumes da ação correta do homem em toda e qualquer atividade que desenvolva: BRUNO HILDEBRAND. Foi ele um dos que dirigiram os destinos de

Blumenau, na qualidade de Prefeito. Mas, seja neste cargo como em outros que ocupou na vida pública, deixou a marca de sua perseverança, de trabalho honesto e profícuo e, acima de tudo, a preocupação sempre revelada de preservar, sob todas as formas, os bens públicos, ao primar por uma atração correta e cheia de cuidados para que todo o patrimônio sob sua guarda, fosse transferido para a posteridade perfeitamente intacto.

Bruno Hildebrand, ao se despedir desta vida, só deixou amigos. Amigos que ainda hoje, passados vários anos, lembram sua figura com o mesmo sentimento de saudade e respeito com que o fizeram quando ainda em vida e no ato de sua morte. E seus exemplos deixados para a posteridade, haverão de ser fixados na lembrança imorredoura dos que hoje vivem e na memória destas letras que hoje compomos em sua homenagem, a serem preservadas nas páginas da nossa revista.



Bruno Hildebrand nasceu no dia 7 de março de 1906, na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Teve uma infância muito feliz, segundo suas próprias expressões em documento escrito para sua afilhada Annigrete. Cresceu cercado do carinho e bons ensinamentos que lhe ministraram seus pais Carlos e Amália Hildebrand, ele nascido em Bremen, Alemanha, e ela nascida em Porto Alegre. No seu dizer, seus pais foram amantíssimos e lhe proporcionaram infância alegre e saudosa.

A primeira escola que frequentou foi a Escola das Neves, tendo como professora dona Georgina Neves, que lhe proporcionou os primeiros ensinamentos do ABC. A escola situava-se num local em cujas proximidades se ergue hoje a famosa igreja de São Pelegrini. Para ser sincero —, diz Bruno em suas memórias — a escola e o ABC não o atraíam muito. O que mais o atraía era mesmo a Geografia Humana, da qual ele guardava saudosa memória pelas aulas que lhe foram ministradas por seu pai através das longas caminhadas, o pai montado em fogoso corcel e ele num petiço, percorrendo muitas léguas, passando em frente a casas dos colonos, subindo morros, cavalgando pelas margens de regatos, sempre ouvindo com atenção as palavras do seu querido pai que, explicando a vida da colônia e dos colonos, a luta pela sobrevivência, os sucessos, os desenganos, as adversidades, o estimulava ao trabalho e a ter perseverança e dedicação para vencer na vida. Procurou sempre seguir os conselhos de seu pai, vivendo a vida com humildade, honestidade e bom senso, sob o impulso da memória e da saudade daquele seu pai querido.

Em 1912, interesses comerciais trouxeram sua família de mudança para Santa Catarina, em Florianópolis. No princípio foi um pouco difícil, por ser tudo estranho, desconhecido para todos. Todavia, logo foram se aclimatando. Para Bruno começou uma nova vida. Foi matriculado no Colégio das Irmãs da Divina Providência, em cujo estabelecimento, com facilidade fez novas amizades. Sua família morava numa bela chácara situada à rua Presidente Coutinho nr. 5, na qual havia fartura de frutas, que até então eram-lhe completamente desconhecidas. Como o automóvel naquela época era praticamente desconhecido e condução ainda considerada pouco segura, seu pai adquiriu um carro de mola, a tração animal e que fora importado da Alemanha, servindo de locomoção para toda a família. Diz ele em suas memórias que o carro era uma verdadeira jóia e que o principal aspecto da condução, para ele eram as duas parelhas de cavalos de raça que ficaram na história de Santa Catarina, tornando-se famosos não só pela beleza como e principalmente pela bondade e obediência, cu disciplina, apesar de fogosos e ligeiros. Bruno diz em suas memórias que através dessa condução, conheceu muitas cidades de Santa Catarina e nessas andanças, pôde, com seu pai, aperfeiçoar ainda mais as aulas que recebia do mesmo, de Geografia Humana. Bruno Hildebrand conheceu Blumenau nos seus primórdios. Foi no ano de 1911, conhecido como o ano da grande enchente. As viagens, naquela época, eram feitas da seguinte maneira: de Florianópolis a Itajaí, um dia de viagem; em Itajaí, geralmente, tomava-se o vapor Blumenau com rodas

laterais até Blumenau, uma viagem agradável e na qual tudo corria às mil maravilhas, segundo ele. Naquela época, instalou-se em Florianópolis uma escola Alemã, que tornou-se famosa, destinada principalmente a ensinar disciplina às crianças. Não sei porque cargas d'água, — diz Bruno — meu querido pai inventou de me matricular na referida escola, aonde a disciplina, realmente era a principal matéria e a crédito que o pouco do alemão que aprendi na referida escola, não me foi introduzido pela cabeça, mas sim, pelo assento, pois a vara de marmelo era constante, tanto para rapazes como para meninas e assim pudemos verificar que a igualdade do homem e da mulher já naquela época estava em andamento; embora não se usasse a mini-saia, a trazeira das meninas estava constantemente à mostra e este espetáculo era a única compensação da rapaziada — conclui Bruno em suas memórias. E acrescenta: Diz o velho rifão que "não há bem que sempre dure nem mal que não se acabe" e foi isto o que aconteceu, pois veio a guerra de 1914 e a escola alemã foi fechada. — Naquela época, Bruno Hildebrand já estava preparado para ingressar no ginásio. Por isto, foi matriculado no Ginásio Catarinense, em cujo estabelecimento teve muitos companheiros que com ele estudaram e que mais tarde se destacaram na vida pública, como por exemplo os irmãos Luiz, Francisco e Aquiles Gallotti, Arno Hoeschl, Hans Gaertner, entre outros. Coursou o ginásio mais para satisfazer aos desejos de seu pai, pois seu desejo pessoal sempre foi o de ser fazendeiro. Naquela época, seu pai possuía uma bela fazenda em Bom Retiro e Bruno sempre desejou administrá-la, o que não aconteceu, visto que, por interesses comerciais, seu pai teve que se transferir com a família para a cidade de Paranaguá, no Paraná, para onde Bruno foi contrariado. Todavia, depois dos primeiros momentos de indecisão e adaptação, acabou aceitando a nova forma de vida, integrando-se na sociedade. Diz Bruno ainda em suas memórias que foi justamente lá em Paranaguá, que a sorte o esperava, a sorte de lá conhecer sua esposa e que depois de decorridos tantos anos, ainda dizia que, a melhor coisa que havia feito em toda a sua vida foi casar com a jovem Agueda Pontes (Dadá), que sempre demonstrou do que era capaz, pois sua vida em comum foi marcada sempre com situações boas e difíceis e que em todas as ocasiões, Dadá demonstrou compreensão e espírito de sacrifício, razão da perene felicidade que envolveu a vida do casal até a separação pela morte de Bruno.

O casamento de Bruno Hildebrand com Agueda Pontes aconteceu na cidade de Paranaguá no dia 26 de julho de 1927.

Interesses comerciais o trouxeram para Blumenau. Aqui chegaram embarcados num automóvel Ford antigo à meia-noite do dia 4 de janeiro de 1934. Hospedaram-se num dos melhores hotéis da época, o Hotel Wuerges, situado na Itoupava Seca, aonde permaneceram por dois anos. Possuindo concessão da Sociedade "OMS" do Brasil, com direito de fabricar as famosas fossas sépticas, Bruno Hildebrand alugou do sr. Franz von Knoblauch uma casa de moradia e um galpão, ali instalando a fábrica e onde permaneceu por 7 anos. Ainda em 1934, no mês de outubro, foi convidado pelo então interventor do

Estado, Cel. Aristiliano Ramos, para ocupar o cargo de Delegado Especial de Polícia do Município de Blumenau, tendo sido nomeado pelo Interventor, cargo este que exerceu até o ano de 1938, deixando o cargo de cabeça erguida, certo do dever cumprido e pôde então continuar a desenvolver seus negócios. Sentiu que o cargo espinhoso que havia ocupado, não lhe criara inimigos nem malquerenças na cidade. Foi uma constatação que o deixou alegre e lhe deu coragem para exercer mais tarde outros cargos. Assim, mais uma vez, por interferência do Dr. Nereu Ramos, que então era o interventor federal no Estado, foi nomeado dia 3 de novembro de 1939 para as funções de Secretário Geral do Município de Blumenau, ato este assinado pelo então prefeito José Ferreira da Silva, cargo que exerceu até 1944, quando, com o afastamento de Ferreira da Silva, foi nomeado seu substituto, pelo Dr. Nereu Ramos, em cujas funções de chefe do Executivo blumenauense permaneceu até dezembro de 1947, quando foram realizadas as eleições e o país retornou ao regime democrático. Em 1955, insistentemente solicitado pelo então governador Aderbal Ramos da Silva, Bruno Hildebrand aceitou concorrer às eleições para prefeito de Blumenau, em cujo pleito concorreriam ainda Frederico Guilherme Busch, pela UDN, Érico Mueller pelo Partido Integralista e ele, Bruno, pelo PSD.

Naquele pleito, Bruno chegou em segundo lugar, com 5.534 votos, e diz em suas memórias que foi uma campanha do tostão contra o milhão. Ainda em 1948, quando foi desligado do cargo de prefeito, porém era funcionário do quadro único do município, foi requisitado por ato do Governo do Estado para atuar junto à Secretaria de Obras Públicas e Agricultura, no cumprimento, por todo o Vale do Itajaí, de um programa permanente de ajuda direta e constante junto ao agricultor catarinense menos favorecido da sorte. Também essa missão foi por ele cumprida com todo o empenho, recebendo elogios constantes do Governador Aderbal Ramos da Silva, pelas manifestações otimistas dos agricultores assistidos. Em vista desta atuação, Bruno Hildebrand foi incorporado ao quadro do Ministério da Agricultura que admitiu esta espécie de trabalho assistencial e, assim, no dia 15 de março de 1950, era desligado do quadro único do município de Blumenau para ser nomeado, dia 13 do mesmo mês, para o Quadro de Funcionários do Ministério da Agricultura, lotado no Fomento da Produção Vegetal do Estado de Santa Catarina, cargo este que exerceu até o dia 17 de setembro de 1969, quando requereu sua aposentadoria, com tempo contado de 39 anos de serviço público.

Como um reconhecimento muito justo de serviços prestados ao município durante sua longa carreira de homem público, Bruno Hildebrand foi agraciado com o título de Cidadão Honorário de Blumenau, pela lei nr. 1.327, assinada pelo então prefeito Hercílio Deeke,

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

justificada "Por Relevantes Serviços Prestados ao Município", homenagem que recebeu em sessão solene realizada na Câmara de Vereadores e que o emocionou profundamente.

Bruno Hildebrand foi rotariano durante longos anos de sua vida. Pertenceu ao Rotary Clube de Blumenau, o mais antigo da cidade, através do qual prestou os mais assinalados serviços à comunidade, tendo mantido, sempre, dentro do clube, o mais fraterno relacionamento, razão pela qual era grandemente estimado por todos os seus companheiros. Foi ele um dos fundadores do clube e o penúltimo fundador a falecer, vivendo hoje, dos fundadores daquele clube, apenas o sr. Ernesto Stodieck Jr.

Até o ano de 1977, quando faleceu, no dia 18 de dezembro daquele ano, Bruno Hildebrand viveu para sua esposa, suas afilhadas e para seus amigos, desfrutando sempre todos da mais pura estima e admiração, já que, ao contatar-se consigo sempre recebia-se um agradável impulso de otimismo e de alegria. Bruno foi sempre um homem que aparentou felicidade interna, apesar das dificuldades que se interpuzeram não poucas vezes em seu caminho. Daí que viver ao seu lado, na sua companhia, era desfrutar do constante otimismo, alegria e simpatia que irradiava.

Seu falecimento foi muito sentido na comunidade blumenauense. Aos seus funerais compareceram muitos amigos e admiradores. Sua memória não será esquecida. Blumenau em Cadernos faz este registro biográfico visando também preservar para a posteridade a figura de Bruno Hildebrand, exemplo das melhores virtudes que podem ornamentar a personalidade de um homem.

José Gonçalves

O "portuiglês" nosso de cada dia

Elly Herkenhoff

Deflagrada há alguns anos atrás na França, está tomando cada vez maior vulto, a guerra contra um poderoso invasor — um invasor chamado "franglais", isto é, "français-anglais" ou, em outras palavras, o inglesamento cada vez mais acelerado do idioma francês. Guerra total, agora oficializada, institucionalizada por uma lei, proibindo o uso de expressões e nomes ingleses nas mercadorias produzidas na França e nos textos comerciais e publicitários em todo o país.

O fenômeno desse inglesamento na realidade não se restringe à França apenas. Alastra-se por outros países, como a Alemanha Ocidental e até mesmo a Rússia, originando novos e bizarros dialetos das línguas, latinas e não latinas, assim como vai se alastrando por toda a grande comunidade da América Latina.

Aqui no Brasil ainda não sofremos tamanho impacto — ainda, ainda não. Assim mesmo, antes de abrir um jornal, uma revista, um

livro ou um simples prospecto que seja, nunca será demais o leitor se munir de um bom dicionário inglês-português, para estar à altura do texto que o espera — embora esteja seguro de conhecê-lo perfeitamente toda a longa lista de anglicismos há muito incorporados ao nosso vocabulário, como por exemplo: filme, estoque, repórter, tênis, esporte, clube, lanche, etc., etc. — e embora acredite poder desvendar todos os mistérios da interminável lista de vocabulários estrambólicos do nosso “modern Portuguese” — vocábulos tais como: flash, rush, hobby, show, script, dinner, short, close-up, playground, background, best seller, pickup, wrap around... and so forth... and so forth... and so forth...

Boa parte desses barbarismos, evidentemente, só oferece dificuldade quanto à pronúncia, não quanto à interpretação. Assim por exemplo, um jovem candidato a um “job” de “office boy”, por mais inexperiente, não irá se apresentar ao “manager” de um “pool” que procura um “public relations”, nem tampouco se apresentará ao “businessman” de um “shopping center” que oferece emprego a um “follow-up”...

No entanto, o vocabulário desse nosso “portu inglês” está se avolumando, a cada dia, a cada hora — neste instante mesmo — na área do “marketing”, do “know-how”, da “society”, como verdadeira avalanche, irreversível, incontrolável e de efeitos imprevisíveis para o futuro.

Ainda assim, o fenômeno, visto isoladamente, não seria motivo para maiores preocupações. Afinal, sempre houve a migração de palavras e expressões de uma para outra língua. A prova está no semi-número de termos gregos — termos por assim dizer internacionalizados, assimilados que foram por quase todas as línguas européias e mesmo extra-européias, no decorrer do tempo, com o progresso científico, tecnológico, industrial. A prova está na quantidade incalculável de expressões francesas existentes em nosso vocabulário, muitas, já portuguesadas, outras empregadas em sua forma original. E é interessante notar que grande parte dessas expressões francesas, na realidade nos chega de mais longe. Muitas vezes são termos oriundos do alto alemão moderno ou do antigo alemão ou então do germânico ocidental, a língua que, falada em era remota, deu origem a vários idiomas, sendo os dois mais importantes o alemão e o inglês. A título de curiosidade, eis alguns poucos exemplos de tais palavras migrantes, há muito incorporadas ao nosso vocabulário, e abaixo relacionadas na ordem: português, francês, alemão, sendo de notar que, em alemão, todo e qualquer substantivo se escreve com letra inicial maiúscula.

Harpa, harpe, Harfe — valsa, valse, Walzer — vermute, vermout, Wermut — sala, sale, Saal — burguês, bourgeois, Buerger — creche, crèche, Krippe — sopa, soupe, Suppe — groselha, groseille, Krausbeere — bandeira, bannière, Banner — zinco, zinco, Zinck — bordo, bord, Bord — feltro, feutre, Filz — rico, riche, reich.

Claro está que essa tendência generalizada para o emprego dos estrangeirismos, contribui assustadoramente para a erosão, cada vez

mais acentuada, do português falado no Brasil. Contudo, não é a sua causa única — na presente situação — nem mesmo a principal.

Muito mais inquietante é todo um complexo de outros fatores negativos de nossa atualidade, entre os quais o sistema de ensino do português em nossas escolas e a impossibilidade de uma censura do português falado e cantado em certos programas de televisão — da nossa onipresente e toda-poderosa televisão, ditadora soberana do comportamento de milhões de telespectadores. Muito mais graves os efeitos das histórias em quadrinhos que, juntamente com a televisão de todas as horas, vão acabando — ou já acabaram? — com o salutar hábito da boa leitura, principalmente entre os jovens de hoje, que amanhã serão os responsáveis pelo destino do País.

Somando-se a estes e outros aspectos negativos, o “portu inglês” ou o “brazilamerican” em marcha, chega-se, realmente, à conclusão de que o linguajar de nossos netos muito pouco terá do português dos nossos clássicos de ontem ou dos puristas dos dias atuais.

Eu, pessoalmente, me confesso purista “de linha moderada no que se refere aos estrangeirismos em qualquer idioma. Existem, como sempre existiram, palavras e expressões simplesmente intraduzíveis de uma para outra língua. Ou então idiomatismos que, vertidos para outra língua, perdem grande parte de sua força, do seu colorido, do seu sabor. Por outro lado, porém, eu me nego a acreditar que um cachorro quente, todo nacional ou nacionalizado, venha a ser substancialmente inferior a qualquer “sophisticated” e muito brasileiro “hot dog” — mesmo se acompanhado de um “scotish whisky” e consumido num “drive-in” ou num “self-service” ou num “snak bar”.

Tampouco eu vejo motivos para acreditar que o meu bom dinheiro brasileiro, eventualmente depositado em conta de mercado aberto, numa agência bancária, venha a ser menos rendoso do que qualquer “Brazilian money” em conta do “open market” do mesmo banco — até prova em contrário da parte de um “expert” em “financial matters”...

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

HUNSRÜCK

Elmar Joenck

Comecei a ouvir este nome já na infância, entre os contrafortes da Serra Geral, 12 km acima de S. Pedro de Alcântara, entre os morros e caminhos de Angelina, onde nasci em 1936. Felizmente meu tio-avô, Frei Elzeário Schmitt, consignou por escrito diversas notícias históricas daquelas regiões, local da mais antiga colonização alemã em Santa Catarina.

Seria interessante que algum(a) pesquisador(a), talvez empunhando um gravador, recolhesse e gravasse para a posteridade as poucas sagas ainda lembradas, algumas ricas e curiosas lembranças históricas de famílias que durante século e meio viviam isoladas nas velhas colônias dos interiores do Estado, antes que tais memórias se apaguem pela morte e pelas avassalantes modificações sociais deste final de século XX. Pois é, em tais registros ou entrevistas, a palavra HUNSRÜCK certamente afloraria com frequência, sem que a maioria dos informantes saiba com exatidão o que "Hunsrück" representa no contexto histórico e geográfico da Alemanha e na herança sócio-lingüística dos imigrantes alemães do Sul do Brasil.

Com esse curioso nome na memória, chegava eu a Rolândia (PR), em 1960, onde passei a conviver com alemães legítimos e, de novo, com "Hunsrücker". Afuíram ao Norte do Paraná, desde 1930 e tantos, alemães da Alemanha (uma história) e "alemães" de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (outra história), cujas manifestações sócio-econômicas e cultural-lingüísticas já seriam uma terceira história...

Vem daí, da convivência com essas misturas alemães, que este "Hunsrücker" em 1982 começou a lecionar alemão e, por isso, em janeiro e fevereiro de 1983 estava em Bremen (Alemanha) para cursar dois meses de língua alemã, graças a uma bolsa do Instituto Goethe (o que seria mais outra história). Nota-se que, ao desejar focalizar a região alemã do Hunsrück, ocorrem-me outros assuntos, extensos, sobre os quais alguém poderia discorrer. Fiquem as sugestões. E vamos ao Hunsrück.

Dos oito fins de semana em Bremen, passei seis viajando pela Alemanha, sob frios e neves inesquecíveis, inclusive em prejuízo da nota final do meu curso (zufrieden).

"Enforcando" as 5 aulas de uma sexta-feira, pelas quatro da madrugada peguei um trem rumo de Colônia. Ali passei duas horas numa loja da estação, selecionando cerca de 400 diapositivos ("slides"), os quais constituem as mais preciosas lembranças visuais daquele meu "sonho que passou". Aliás, o sentimental envolvimento brasileiro de meus parentes nesta minha estada na Alemanha, seria mais outra história. Pois bem. Na tarde daquela sexta-feira, lá ia eu de trem, beirando o Reno, de Colônia a Coblença, rumo do Hunsrück.

Para não me alongar, deixarei de referir como e com quem (pessoas e livros) eu tivera notícias dessa região situada entre os rios Mo-

sela e Reno, uma espécie de triângulo no meio e a Oeste do mapa da República Federal da Alemanha. Em resumo, sempre foi e continua sendo região economicamente pobre, muito pobre, em razão das condições do solo, razão determinante dos dramas sociais e históricos de seus habitantes, dramas que se refletiram em emigrações pelo mundo afora.

Numa fila de espera de Coblença, pegamos um ônibus que, após subir pelas ladeiras de um castelo, nos faça anoitecer pelas neves da pouco povoada região do Hunsrück. Se não fosse a calefação elétrica interna do veículo, o dialeto típico de alguns passageiros já teria quebrado o gelo físico deste catarinense comovido, que ouvia falares muito parecidos com os de sua infância. Foi o trecho mais emocionante de minhas andanças pela Alemanha, muito mais que as sensações espúrias do muro de Berlim. Para não cair no choro, eu não abria a boca, só ficava ouvindo. Entre uma parada e outra, no entra-e-sai de aldeias e passageiros, reparei no espírito extrovertido do pessoal, diferente dos alemães em geral.

Eu queria pernoitar em Simmern, espécie de "capital" do Hunsrück. De passagem (outra história), entre 7 e 8 da noite, uma hora de espera, na localidade de Emmelshausen. Por quê? Porque em Coblença pegara um ônibus que só ia até ali, já sabendo que uma hora mais tarde viria outro que, passando por Emmelshausen, me levaria adiante até Simmern. Quem disse que eu passaria uma hora vendo uma cidadezinha típica, de noite na neve? Ali chegando, nem mais um restaurante aberto... Todo mundo fechado em casa e eu, perdido na estaçõzinha de trem, vendo a última passageira do ônibus falando com alguém distante, na cabina fechada do telefone. Logo mais um carro a pegava, arrancando e derrapando pela neve.

Ao esguichar líquido morno sobre a neve, num recanto escuro, percebo luzes por uma janela dos fundos do sobrado da estação, e ruidos de cozinha. Com fome, tremendo de frio, fui abrigar-me dentro da cabine telefônica, onde comecei a ler a lista... na qual já comecei a ver alguns sobrenomes que ocorrem em São Pedro de Alcântara e Angelina.

Passada a hora, pontualmente, apareceu o tal ônibus, vindo de Coblença. Em Simmern, o motorista me indicou um hotel, longe do ponto final... E toca a andar pelas geladas noites de Simmern, ruas abaixo e ruas acima. Lojas, poucas. Mas ainda estava de vitrines acesas. Loja KUHN. Sobrenome de minha Mãe: Kuhn. Embalado pelas emoções, andei uns 2 km pela neve, até achar dormida no "Schlösslein", pitoresco e aconchegante hotel, numa das saídas desta Simmern de cerca de 20.000 habitantes.

O atendimento simples e familiar e a ducha quente seguida de um repastozinho restaurador permitiram-me em seguida, na solidão do quarto, evocar meus familiares e parentes, meus antepassados saídos daquela região fazia mais de cem anos, conforme até pareciam confirmar mais uns 5 sobrenomes (conhecidos da infância) que tornei a reencontrar na curta lista telefônica, meu "livro de orações" naquela noite de emoções.

Como troféu de meu pernoite em Simmern, numa gelada noite de sexta para sábado, em fevereiro de 1983 — ainda guardo a nota do “Schlösslein”, no valor de 26 marcos. Na periferia dessa cidade do Hunsrück, coberta de neve (conforme referi anteriormente) eu acordava para a realidade de mais um dia nas pegadas dos antepassados.

Na hora do acerto das contas, conversa-vai-e-vem, a simpatia do gerente acabou prontificando-se a me levar até a casa de um tal de Herr Faller, chefe dos arquivos municipais (Rhein-Hunsrück-Archiv). Telefonou. Estava, pois não... E lá fui eu, no Mercedes do gerente do “Schlösslein”.

Pena que só tive uns 20 minutos para conversar com o sr. Karl Faller. Seu endereço: Ludwigstr. 22 — 654 — SIMMERN — R. F. da Alemanha.

Presenteou-me com um livro de sua autoria: “Fernweh nach Brasilien — Heimweh nach dem Hunsrück”, Simmern, 1979 — romance que historia as aventuras de famílias que saíram do Hunsrück rumo ao Brasil desde 1824, e das quais algumas retornaram, porque no Brasil não foram tão felizes...

Enfim, segundo o sr. Faller, entre 1824 e 1870, saíram do Hunsrück 40.000 pessoas, de 20.000 (metade) das quais se tem, em Simmern registro de nomes e das 103 aldeias de origem.

Fiquei de escrever ao sr. Karl Faller, com promessas de pô-lo em contacto com “arquivistas” ou historiadores daquelas emigrações no Brasil. Publicando acima seu importante endereço, após dois anos e meio, penso estar cumprindo tal promessa, que lhe fiz na apressada saída de sua casa, com neve caindo, guarda-chuva já aberto, e com receio de perder o ônibus que me levaria até Trier.

Em dias normais, vai-se de ônibus em uma hora, de Simmern até Trier. Mas naquela neve... o confortável “Bus” levou duas horas, acertando com dificuldade os rastros batidos de pneus especiais, locomovendo-se entre 40 a 60 por hora, especialmente nas curvas...

Em vez de dizer do branco das paisagens e das localidades, direi que durante todo o percurso o número de passageiros nunca esteve acima de 10. Talvez por isso mesmo o motorista e este brasileiro, enquanto papeavam, chegaram até a infringir as normas de não fumar...

Era sábado, meio-dia, quando chegamos a Trier, a mais antiga cidade da Alemanha, exatos 2.000 anos em 1985. Após adquirir os multicoloridos livretos turísticos e “slides” da cidade, fui até o “Porta Nigra” e o museu adjacente.

Como sobre outras cerca de 20 cidades visitadas, também sobre Trier disponho hoje de um programa audiovisual de “slides”, com roteiro falado por mim, em português, em média de meia hora de gravação em fita-cassete para cada programa. Bremen, Berlim Oriental, Berlim Ocidental e Munique — uma hora cada... Mas cadê interesse “em massa” no Brasil para (re)ver-se a Alemanha comigo, inclusive com fundos musicais apropriados? Só mesmo para “incrementar” minhas aulas de alemão...

A propósito, lembro-me de que em Bremen, num sábado à tarde,

optei por uma entre dezenas de opções culturais anunciadas no “Kursbuch”: ver os “slides” que alguém ia mostrar sobre sua recente viagem à Espanha. Cheguei 5 minutos atrasado. Não me deixaram mais entrar — porque o recinto já estava superlotado. “Kursbuch”. Ah! é, em Bremen, uma publicação mensal em que se prevêem, dia por dia, e com os horários, preços ou entradas francas — os mais variadíssimos eventos e ofertas culturais do mês, inclusive, claro, teatros, cinemas, concertos e programas de TV. Quem quiser ter bom público, tem que se anunciar no “Kursbuch” que se adquire em bancas, bancos, restaurantes, supermercados, etc. Fecha parêntese.

Naquele outro sábado, pois, pelas 14 horas, estava eu num trem Intercity (mais uma outra história?), de Trier voltando para Coblença, sempre margeando o Mosela e seus vinhedos hibernados... Comentar os “tipos” de passageiros, nacionais ou estrangeiros, idosos ou jovens, afáveis ou de pouca conversa — daria outra digressão, não cabível aqui.

“A Casa dos Jasmins”, livro de meu tio-avô, Frei Elzeário Schmitt, referia que meu antepassado materno, João Pedro Schmitt, falecido em São Pedro de Alcântara (SC), nascera em Brohl em 1791, perto de Mosela. De volta em Coblença, lá me informaram qual o trem que eu devia pegar para “Brohl”, e onde e quando saltar. Ao parar, “lá”, acabei descobrindo que “aquilo” era Brohl em Rhein, e que a Brohl que eu procurava era outra, bei Kochem, no Mosela... por onde eu já viera hora e meia antes. Descobri o engano porque a igreja matriz não conferia com a imagem que dela eu tinha de uma fotografia do livro do tio Elzeário.

Os dois controladores (via computador e TV) da estação férrea é que em seguida me ajudaram a decifrar o equívoco, entre um apertar ou girar de um botão e outro, na cabine de controle, entre um trem e outro, durante os 45 minutos que com eles me abriguei, até que chegasse um trem que me levasse até Königswinter.

Voltando atrás, ao chegar a essa “Brohl am Rhein”, vindo de Coblença, eu me tinha atrapalhado todo ao saltar do trem, que ali parou só 3 minutos. Fui correndo para uma ponta do vagão, não havia saída. Na outra ponta, abri a porta errada (não a que dava para a plataforma), enquanto o trem já recomeçava a andar. Olhei... só vi trilhos — saltei no pedregulho, entre as duas linhas, e me esborrachei todo, com maleta, pasta e sobretudo... Esfolei a mão, que começou a sangrar. Entre a vã tentativa de achar uma farmácia, descobri a igreja que parecia não ser a do livro do tio. Voltei à estação, onde os já mencionados funcionários me reconheceram, me recriminaram e me esclareceram sobre a freqüência de nomes iguais para localidades diferentes... E estranharam a falha mecânica de os trincos “daquela” porta terem-me obedecido, e ela ter-se aberto no lado indevido do

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

trem... Falha mecânica, aliás, é o que de mais enervante pode acometer um cidadão de país desenvolvido, segundo observei por lá em dezenas de ocasiões. Como ia dizendo, os gentis funcionários da "DB" (Deutsche Bundesbahn) passaram-me um pito severo, pois na verdade eu correra perigo de vida... E se na hora viesse um trem em sentido contrário? Quem ia lá salvar o brasileiro recém-chegado de atávicas visitas ao Hunsrück, a Trier, em busca de uma "Brohl", que, sem ele saber, já ficara para trás?

Um dos funcionários tem(tinha) uma irmã morando em São Paulo. Entrementes já cheguei a Königswinter. Desta estação andei a pé 2 km, já escurecendo, num frio de rachar, entre o Reno e o asfalto da "Auto-Bahn", até o "ferry-boat" (balsa) que me levou até o outro lado do Reno, até Bad Honnef. De táxi subi o "Aegidienberg" onda, num asilo de idosos (Altesheim) minha mana freira e suas co-irmãs, depois de finalmente medicarem meus machucados, foram comigo à capela para agradecermos a Deus o fato de eu ter escapado são e salvo daquele saltar de um trem em movimento, sem que, na hora, outro me pegasse na paralela...

No final de 1985, também para as previstas Eodas de Ouro de meus Pais, em Florianópolis, a mana freira poderá voltar definitivamente ao Brasil, após quatro anos de serviços prestados a idosos alemães como simbólica retribuição do muito que velhos alemães (imigrantes, padres, freiras e outros) fizeram no Brasil pelos brasileiros.

Lebe wohl, mein Hunsrück!
Ich war ja da gewesen.
Wann darf ich mal zurück
leben, heil und genesen?

Terra dos meus ancestrais,
pude visitar-te um dia!
Será que te vou ver mais
são, vivo ou em fantasia?

Elmar Joenck — cx. postal 555 — 86600 — Rolândia — PR.

A Evolução do Ensino Público no Estado

MITTEILUNG (Comunicações)

n.º. 4 — 1.º. ano — ABR/1906.

RELATÓRIO SOBRE A ESCOLA DA ITOUPAVA ALTA DE 1905

"O ano letivo começou a 2 de janeiro de 1905, com 55 crianças. 5 crianças foram dispensadas em fins de dezembro para a 1.ª. Comunhão (Konfirmation), isto em 1904. Uma outra criança também deixou a escola.

O número de novas crianças matriculadas a 2 de janeiro de 1905 — 4 e em 1.º. de julho — 5. Por motivos familiares, 1 criança deixou a escola em agosto e no fim do ano foram novamente dispensadas 12, para a comunhão e 13 novos alunos ingressaram.

As aulas, iniciaram normalmente a 02 de janeiro, conforme foi

decidido em reunião geral da sociedade. Constatam as seguintes matérias para o ensino: matemática, leitura, caligrafia, composição, ditado, gramática (português e alemão), religião, ciências naturais, geografia, história mundial, lição de contemplação sobre as matérias dadas, redação comercial e canto.

Em presença do diretor da escola, foi feito um exame de aproveitamento dos alunos, tanto dos que deixariam no fim do ano a escola, para comunhão, e dos novos matriculados, para uma avaliação de mudança ou permanência na classe que ora estavam frequentando.

A falta dos alunos este ano, foi muito grande. Algumas crianças, realmente, faltaram por motivo de doença, mas foram justificadas pelos pais ou responsáveis. Mas a maioria não compareceu porque os pais acharam que o trabalho em casa é mais importante do que o aprendizado na escola.

O material escolar foi fornecido pela "Sociedade Alemã de Escolarização de Santa Catarina". Recebemos também, quadros e notas musicais para os alunos. Pela Câmara Municipal, foi fornecido material didático, para a iniciação das aulas de latim.

No dia 15 de outubro, realizou-se a festa comunitária infantil anual, como reza os estatutos. Foram recitados poesias, declamações seguidas por cantos e danças folclóricas. Muitos adultos compareceram, e a festa decorreu num clima de alegria e fraternidade."

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Depois de "Crime na Baía Sul" e "O mistério do fiscal dos canos", Glauco Rodrigues Corrêa está reconhecido pela crítica e pelos leitores como autêntico *expert* na criação de histórias policiais. Ainda iam vivos os comentários a respeito desse último livro e ele já surge com uma nova obra no mesmo gênero, "O assassinato do casal de velhos" (Mercado Aberto — Porto Alegre — 1985), compondo a trilogia do romance policial que vem preenchendo um vazio há muito existente nas letras catarinenses, pois aqui ninguém trilhava esse caminho.

Nesta novela reaparecem personagens já conhecidos dos leitores de Glauco, a exemplo do delegado Nonato e do cabo Turíbeo, cujo desempenho vai marcando suas presenças no panorama da ficção policial brasileira. Agora eles se envolvem nos acontecimentos que rompem a calma de uma pequena cidade e entram numa atividade febril que o autor transmite com facilidade, em linguagem límpida e direta. O livro é bem escrito e a narrativa movimentada, prendendo o leitor como fazem as boas novelas desse gênero que tem tantos aficionados em todo o mundo.

Embora venha sendo registrado com frequência nos suplemen-

tos literários e periódicos dedicados ao livro, em várias partes do país, em nosso Estado não encontrei até agora uma única referência ao novo romance de Glauco Rodrigues Corrêa. É uma pena, pois no gênero a literatura catarinense é muito fraca e essa publicação, que certamente será sucedida por outras, vem trazer importante reforço.

O livro tem ótima apresentação gráfica, em formato de bolso e com uma capa moderna e chamativa, adequada ao conteúdo.

**

Já escrevi em algum lugar que Fernando Tokarski vinha fazendo alguma coisa nova e diferente no regionalismo, uma espécie de caboclisto que mescla a influência polonesa nos meios populares do Norte do nosso Estado. Nascido na região e bom observador, ele vem buscando colocar no papel, envolta na ficção, uma linguagem interessante e rica de nuances que fica deliciosa quando narra as peripécias daquela gente.

Pois agora "Aniba e outros povos", livro inédito de sua autoria, acaba de confirmar minhas afirmações. Foi o vencedor do "Prêmio Luís Delfino" de 1984, da Fundação Catarinense de Cultura, recebendo uma premiação em dinheiro e a publicação do volume pela FCC Edições. Foi escolhido entre 47 participantes por uma comissão composta dos escritores Celestino Sachet, Japonan Soares e Pinheiro Neto. O livro deverá circular neste mês de agosto, com apresentação de Sachet.

"Aniba e outros povos" tem histórias curiosas e o linguajar revela formações que parecem incríveis mas que são usadas e que ele sabe aproveitar muito bem. Foi por isso intão que ele guentou o tranco, se arremeteu nesse assunto de premiação e o povo da comissão gostaram!

**

Em concorrida noite de autógrafos realizada no Museu de Arte de Joinville, Luiz Carlos Amorim lançou "Canção da Esperança II", edição especial da revista "Poemarte" inteiramente dedicada aos seus poemas e contendo doze produções de safra recente desse operoso poeta catarinense. A apresentação do pequeno volume é de Lauro Junkes.

Pelo grande comparecimento de público, intelectuais e imprensa, o evento ganhou foros de autêntica homenagem, e, como o único escritor blumenauense presente, transmiti também a nossa mensagem de admiração pela sua atuação. Savagé distribuiu e declamou na ocasião o poema "Homenagem", de sua autoria.

**

"Edições Sanfona", de Florianópolis, publicam "Medusas", conjunto de sete pequenos poemas de Hugo Mund Jr., cujo livro noticiamos no número anterior. Os "sanfoneiros" Flávio José Cardozo e Silveira de Souza prosseguem assim na realização de uma idéia que pegou.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

— DIA 2 — Na sede da Associação Hering, no bairro Água Verde, realizou-se a solenidade de assinatura, por parte da diretoria de Recursos Humanos, da Cia. Hering, de um convênio com a Fundação Roberto Marinho para a implantação do Telecurso 1º. Grau na empresa, beneficiando cerca de seiscentos funcionários. (JSC)

**

— DIA 6 — Com a presença do governador do Estado e do Prefeito de Blumenau, a diretoria da Companhia Catarinense de Refrigerantes Ltda. inaugurou, em sua indústria, as instalações de contenção de enchentes. Trata-se de uma obra civil e hidráulica que envolveu a construção de um dique de concreto em volta da fábrica, localizada no bairro de Itoupava Norte. (JSC)

**

— DIA 7 — A Artico, Indústria e Refrigeração Ltda. comemorou seu jubileu de prata, fundada que foi a 7 de julho de 1960, localizada no bairro de Salto do Norte, com 60 funcionários e 5 mil metros quadrados de área construída. (JSC)

**

— DIA 7 — Um espetáculo com apresentação de danças no melhor estilo alemão, registrou o 1º. aniversário do grupo de danças folclóricas "Blumenauer Volkstanzgruppe", do Centro Cultural 25 de julho.

**

— DIA 10 — Ao encerramento dos cursos profissionalizantes do primeiro semestre, nos centros sociais da prefeitura, foi realizada a solenidade de entrega, por parte do prefeito Dalto dos Reis, de certificados de conclusão de cursos a 500 alunas que concluíram o mesmo. A solenidade realizou-se no pavilhão "A" da PROEB e foi muito festiva.

**

— DIA 24 — No Centro Cultural 25 de Julho, foi realizada a solenidade de abertura da "2º. Festa do Imigrante", a qual foi presidida pelo prefeito Dalto dos Reis. Na oportunidade, apresentaram-se, com grande sucesso e muitos aplausos, diversos grupos folclóricos da região.

**

— DIA 25 — Na PROEB tiveram prosseguimento os festejos do Imigrante organizado pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura. Grande número de pessoas afluíram ao local, preparado com muitas e variadas atrações, inclusive danças folclóricas, comida típica e bandinhas.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

Também obteve empréstimos de particulares e, finalmente, por falecimento do pai, recebeu sua parte da herança, que chegava a 48.000 marcos, quantia nada desprezível. Com estes meios pôde continuar o seu empreendimento. Em 1851 chegaram à colônia mais 8 imigrantes, mas em 1852 o número de novos colonos alcança 110, o que permite realmente desenvolver os planos de colonização.

É significativo que Blumenau sempre tenha considerado 1852 a data real da fundação da colônia. É neste ano que se faz o primeiro leilão de lotes de terra: 12 lotes são vendidos; 2 a 100\$000 cada um, sendo os adquirentes os irmãos Fritz e August Müller, que vieram à colônia por conta própria, sendo o primeiro conhecido naturalista. Ambos deviam ser pessoas de posses. Os restantes 10 lotes foram vendidos por um preço simbólico de 10\$000, apenas para cobrir os custos de demarcação, a colonos contratados por Blumenau. Terra quase gratuita era condição indispensável para atrair colonos "pioneiros".

Nos anos seguintes a vinda de colonos continuou irregular e as saídas da colônia constituíam parcela nada desprezível deste total. É o que se pode verificar pela Tabela II.

Segundo os dados acima, quase 1.000 pessoas imigraram para Blumenau na década dos 50 do século passado, das quais quase 30% saíram posteriormente da colônia. Os dados quanto às saídas devem ser encarados como uma média aproximada.

TABELA II
Imigração para a colônia de Blumenau — 1850-59

Ano	Nº. de imigrantes	Saídas	Remanescentes
1850	17	—	17
1851	8	4	4
1852	110	12	98
1853	28	28	—
1854	139	31	108
1855	41	24	17
1856	294	62	232
1857	199	51	148
1858	82	57	25
1859	29	8	21
Total	947	277	670

Fonte: C. WAHLE, "Povoamento da Colônia de Blumenau", in Centenário de Blumenau, pgs. 129/137.

Sabe-se por exemplo que dos 17 pioneiros de 1850, apenas 5 permaneceram em Blumenau.

O autor (C. Wahle) da tabela acima menciona o fato de que, entre os 28 imigrantes de 1853, se encontrava Hermann Wendeburg, que depois substituiria Blumenau na direção da colônia, nos seus impedimentos, além de outros que se notabilizariam na história da colônia. No entanto a tabela dá como tendo todos os 28 saído da colônia (*).

Mesmo assim, é de se presumir, face às dificuldades que os colonos tinham de enfrentar, nos primeiros anos, que o índice de 30% de saídas deve estar muito próximo à realidade. Em 1859 a colônia tinha 943 habitantes, dos quais 132 crianças de menos de 5 anos, quase todas provavelmente nascidas aqui. Este dado permite considerar os totais da tabela acima como sendo razoavelmente próximos da realidade.

Qual era a vida econômica da colônia, nos seus primeiros 10 anos de existência? Ela se baseava, como não podia deixar de acontecer, na produção para o autoconsumo. Isto pode ser comprovado pelas casas, construídas quase totalmente com matéria-prima fornecida pela palmeira; pelos móveis, constituídos pelo leito (armação de paus e cipós) e por cadeiras e mesas (trancos de árvore e caixotes); pela alimentação, composta apenas por farinha de mandioca ou de milho, apim, palmito, isto é, produtos locais.

A economia natural, vigente na colônia é, antes de mais nada, consequência do fato de que não havia, ainda, no Brasil, um mercado interno de certa expressão, ao qual os colonos pudessem se ligar. A economia brasileira, ainda quase totalmente colonial, era constituída por um grande Setor de Mercado Externo, que com o café estava entrando num dos seus períodos áureos, e um Setor de Subsistência em que se fazia notar um considerável segmento de economia natural.

A nova colônia só poderia integrar-se num destes dois setores. A integração no Setor de Mercado Externo exigiria a constituição de uma agricultura baseada no latifúndio e na escravidão. Blumenau sempre fora contrário à introdução de escravos na colônia, proibindo-a terminantemente. Esta era, pelo menos aparentemente, uma atitude de princípios. Mas ela pode ser explicada também por motivos econômicos. A terra apropriada à produção de artigos coloniais de exportação era muito menos acessível que a terra adequada à produção de subsistência. Além disso o imigrante alemão não possuía meios suficientes para iniciar um sistema de "plantações", que exigia uma imobilização financeira bem grande em mão-de-obra escrava. Por outro lado, seria temerário procurar concorrer com o latifundiário escravocrata, na monocultura de café por exemplo, baseado em pequenas propriedades do tipo familiar. Tudo isto forçava a colonização, como Blumenau a praticava, a se isolar da única economia de mercado viável, a de mercado externo, e a se inserir no Setor da Subsistência.

(*) Possivelmente os saídos num ano sejam colonos vindos em anos anteriores.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA